

A NUÁRIO ' 2023

DA AVICULTURA BRASILEIRA

ISSN 1516-3105

Nº 09|2022 | ANO 114 | Edição 1323 | R\$ 45,00

Gessulli
AGRIBUSINESS
REFERÊNCIA E INOVAÇÃO



AGRO

BRASILEIRO

Gerando renda e alimentando o mundo



AGROCLUSTER

Líder brasileiro na produção de frangos, o Paraná forma com Santa Catarina e Mato Grosso do Sul um dos maiores polos da avicultura mundial



RICARDO SANTIN

Status sanitário brasileiro é um diferencial importante e coloca o país como player importante para suprir a demanda das nações impactadas pela crise sanitária

A AVICULTURA BRASILEIRA E O MERCADO MUNDIAL DE CARNES

A avicultura, bem como as demais produções animais, tem sofrido com as pressões dos custos de produção causados principalmente pelos elevados preços dos ingredientes das rações e pela dificuldade de repassar esses custos para o preço final dos produtos.

Por | Dirceu João Duarte Talamini e Franco Muller Martins¹

A análise da evolução da avicultura brasileira inicia com um olhar sobre a produção mundial de carnes. É importante verificar as cadeias globais de produção de proteína animal voltaram ao equilíbrio após o surto da Peste Suína Africana (PSA) que ocorreu na China com forte impacto na produção, consumo e comércio internacional. A repentina e forte demanda Chinesa por carnes aqueceu o mercado, elevou preços e estimulou o crescimento da produção desses produtos no Brasil, permitindo que o país aproveitasse melhor seu potencial produtivo e suas vantagens competitivas nessas atividades.

A Figura 01 mostra que carne suína ainda é a mais produzida no mundo, seguida pela de aves e pela de bovinos. O surto da PSA, contudo, impactou negativamente a cadeia produtiva chinesa, acarretando uma forte redução dos volumes produzidos em 2019 e 2020, quando atingiu a menor produção do período, afetando significativamente a oferta mundial. A partir de 2021 a China promoveu a recuperação dos plantéis de suínos, com expectativa que recupere já em 2023 os níveis pré-PSA. A redução da produção mundial foi enorme, a produção caiu de 112 milhões de toneladas em 2018, último ano de normalidade, para 96 milhões de toneladas em 2020, ou seja, 16 milhões de toneladas. Este valor é praticamente o dobro dos volumes mundiais exportados num ano.

Apesar da recuperação da produção mundial da carne suína, com a previsão de alcançar 111 milhões de toneladas em 2023, este volume ainda está abaixo dos 112 milhões de toneladas atingidos em 2018. A forte e rápida redução na

disponibilidade mundial dessa proteína estimulou a expansão da produção das carnes de frango e bovina. A cadeia produtiva do frango, por ter um ciclo de produção mais curto, respondeu com mais rapidez apresentando maior e contínuo crescimento no período. Mantendo as suas recentes taxas de crescimento, as projeções indicam que em poucos anos a produção mundial de carne de frango deve superar a produção da carne suína. A bovinocultura de corte, por sua vez, por ter um ciclo de produção mais longo e exigir mais recursos naturais teve resposta modesta, com pequena variação dos volumes, segundo dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA). No comércio internacional, de acordo com os dados de 2016 e as projeções para 2022 e 2023, as exportações apresentaram comportamento diferente para cada tipo de carne (Figura 02). A carne de frangos liderou em volume e deve crescer 27% entre 2016 e 2023. A carne suína é a segunda mais exportada e deve ter um incremento de 25%. A carne bovina ocupa a terceira posição, mas apresenta um robusto crescimento de 33% no período considerado. As exportações de carne suína atingiram um pico em 2020, quando cresceu 62% em relação aos volumes de 2016. As perspectivas das exportações mundiais de carnes para os próximos anos indicam certa estabilidade nos volumes da carne bovina e um crescimento próximo a 2% para as carnes de suínos e de frangos (Mapa, 2022).

Na análise do mercado mundial de carnes é esclarecedor verificar como a China está superando os efeitos da PSA nas cadeias de suínos e também nas demais das carnes. A Figura 3 mostra que em 2018, último ano de normalidade



Crédito: Shutterstock

no país, a produção de carne suína era de 54 milhões de toneladas e representava 48% da produção mundial. Em 2020 a produção caiu para 36 milhões de toneladas e a 38% da produção mundial. Após essa abrupta queda de 18 milhões de toneladas na produção, esforços e estímulos econômicos foram criados para acelerar a recomposição dos plantéis e implantar novas e modernas unidades de produção visando recuperar os volumes produzidos antes do surto da doença. A resposta foi rápida e a previsão para 2023 é de que a produção atinja 52 milhões de toneladas, pouco abaixo do valor obtido em 2018. Uma dificuldade que ocorre na retomada tem sido os elevados preços dos ingredientes para as rações, a maior parte importados, o que eleva os custos de produção e diminui a rentabilidade das criações chinesas.

A cadeia produtiva do frango da China, apesar de ser importante, sendo a terceira maior do mundo, produz quase

4 vezes menos que a de suínos. A produção de carne de frangos do país cresceu cerca de 20% ao passo que a de bovinos teve um crescimento mais modesto, perto de 5% no período.

A redução da produção de carnes da China e o consequente crescimento das suas importações impactaram fortemente na disponibilidade mundial das carnes. Comparando os números de 2018 e os de 2021, verifica-se que a importação chinesa de carne suína passou de 1,5 para 4,5 milhões de toneladas, ou seja, cresceram mais de 3 vezes no período. A importação de carne frangos teve elevação semelhante a da carne suína, enquanto que a carne bovina cresceu 2 vezes no período. A importação total de carnes em 2021 totalizou 8,5 milhões de toneladas, praticamente recompondo a disponibilidade interna das carnes no país que existia em 2018 (Figura 04).



Os números das importações chinesas são robustos e impactaram o setor de proteína animal mundial. Indicam a preferência dos chineses pela carne de suínos, cujas importações cresceram até o ano de 2020, quando atingiram mais de 5 milhões de toneladas fazendo com que as exportações mundiais que eram de 9 milhões de toneladas em 2018, chegassem a 12 milhões de toneladas em 2020. Só a China absorveu quase a metade desse volume. Depois de 2020 os chineses iniciaram uma redução de volumes importados tendendo aos valores pré-pandemia, perto de 1,5 milhões de toneladas. As importações de carne bovina, entretanto, que já eram crescentes antes da PSA, continuaram se elevando, mostrando uma acomodação perto de três milhões de toneladas por ano. Isto indica uma mudança dos hábitos alimentares e o efeito de maior renda da população chinesa com aumento do consumo per capita de um alimento de maior valor, sendo um sinal para os produtores e exportadores dessa carne.



Na avicultura ocorreu um crescimento da produção e das importações da carne de aves que eram pequenas, cresceram e devem estabilizar num patamar mais elevado, com volumes anuais perto de um milhão de toneladas nos próximos anos, sinal de que essa carne está conquistando o gosto dos consumidores chineses. Apesar de todos os ajustes para recuperar a oferta interna de carnes ainda existe um déficit acima de cinco milhões de toneladas que deve ser atendido por importações ou pela substituição por outras fontes de proteína.

Figura 01. Produção mundial de carnes entre 2018 e 2020 e estimativa para 2022, e 2023, milhões de toneladas, (USDA)

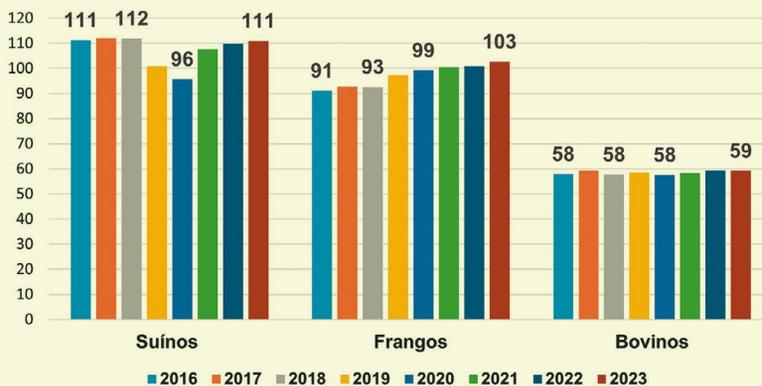


Figura 02. Exportação mundial de carnes, milhões de toneladas, entre 2016/21 e estimativa para 2022 (USDA).

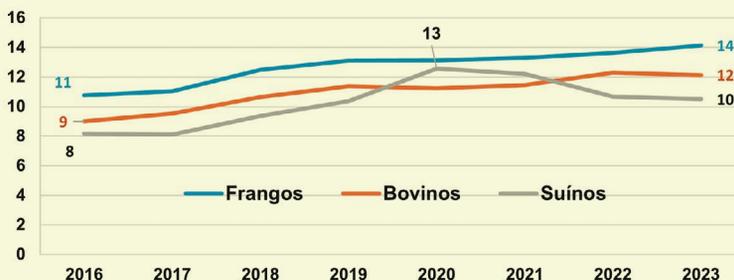
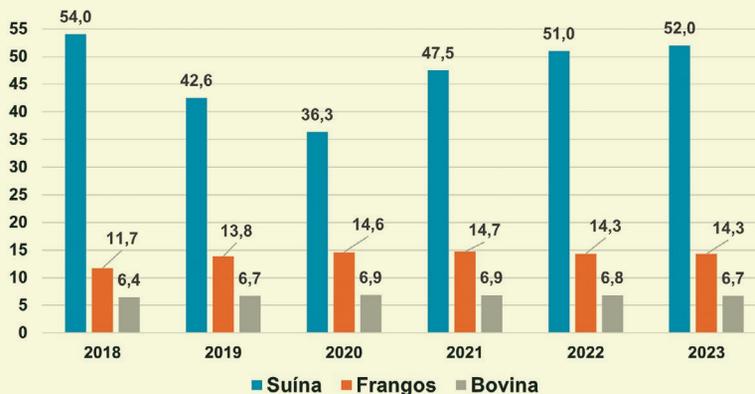


Figura 03. China: produção de carnes entre 2016/21 e estimativa para 2022, milhões de toneladas (USDA)



UMA VISÃO DA AVICULTURA MUNDIAL

A participação dos países na produção mundial de carne de frangos tem apresentado poucas mudanças. Os Estados

Figura 04. China: Importação de carnes de 2016/21 e estimativa para 2022, milhões de toneladas (USDA)

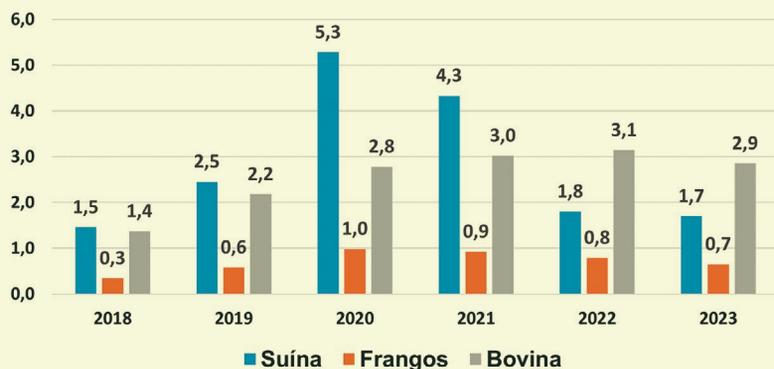


Figura 05. Principais países produtores de carne de frangos entre 2018 e 2023, milhões de toneladas

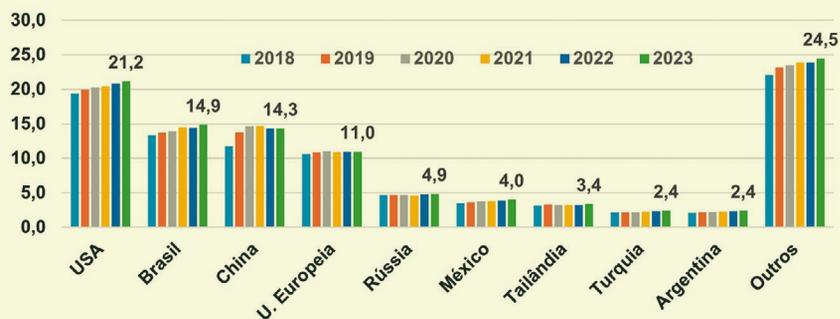
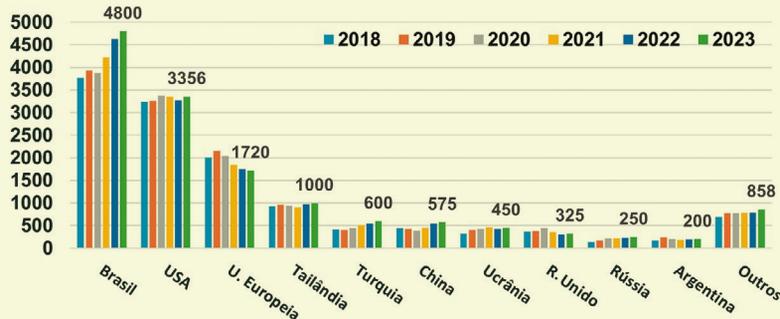


Figura 06. Principais países exportadores de carne de frangos entre 2016/21 e estimativa para 2022, mil toneladas, (USDA)



Unidos mantem-se na primeira posição no ranking mundial e continua expandindo sua produção. A China vinha apresentando acelerado crescimento da sua avicultura e

chegou a ocupar o segundo lugar no ranking mundial dos maiores produtores em 2019 e 2020. A partir de 2020 o país asiático estabilizou sua produção próxima a 14 milhões de toneladas e a partir de 2021 perdeu a segunda posição para o Brasil.

A produção brasileira seguiu crescendo e em 2023 dever ser muito próxima de 15 milhões de toneladas. Quatro países – Estados Unidos, Brasil, China e União Europeia – participam com cerca de 60% da produção mundial. O grupo dos "outros países", do qual participam os países com menor produção, tem mostrado algum crescimento nos últimos anos (Figura 05).

Com exceção da China os países maiores produtores são também os principais exportadores. O Brasil é o maior exportador mundial seguido pelos USA que juntos respondem por cerca de 60% do comércio global. A participação desses dois países já foi maior no passado, mas observa-se o surgimento de novos atores nesse mercado, aumentando a concorrência nas exportações.

A saída da Inglaterra da União Europeia reduziu o volume comercializado pelo bloco econômico e a sua presença neste mercado. Países como Tailândia, Turquia,



Ucrânia, China, Rússia, Inglaterra integram a lista dos exportadores. A Argentina, que apresenta bom potencial de produção e exportação é uma importante ausência entre os maiores exportadores. O país tem encontrado dificuldade em expandir ou mesmo manter sua cadeia produtiva (Figura 06). As importações, por sua vez, são menos concentradas. Os dez maiores importadores absorvem perto de 60% e os 20 maiores absorvem cerca de 83% das importações mundiais. O Japão continua sendo o maior importador seguido, após 2020, pela China que ultrapassou o México, que, por sua vez, passa a ser o terceiro maior importador. Na sequência aparecem o Reino Unido e União Europeia (ambos também importantes exportadores), Arábia Saudita e Filipinas e Emirados Árabes. A mudança mais significativa deste mercado ocorreu na China, país que em 2018 exportou 447 e importou 342 mil toneladas de carne de aves. A partir de 2019, visando compensar a queda da sua produção de carne suína, o país aumentou de forma expressiva as importações de carne de frango, chegando a importar perto de 1 milhão de toneladas em 2021. A China contudo, manteve suas exportações de 457 mil toneladas de carne de aves em 2021. Além do grande impacto das compras da China, convém registrar a entrada de novos países, do grupo "outros", com crescimento dos volumes importados da carne de aves. Os volumes importados dos demais países apresentaram um comportamento normal (Figura 07).

À AVICULTURA BRASILEIRA

O Brasil é um caso de sucesso no que se refere ao crescimento da sua avicultura e no seu papel como grande produtor e exportador global. Depois da implantação das primeiras agroindústrias e de um intenso crescimento iniciado na década de setenta, em 2002 a produção de carne de aves superou a produção da carne bovina, que tinha, no início dos anos 2000, a maior participação na produção brasileira de carnes (Figura 8). Desde então a carne de frango vem crescendo e se mantendo na liderança tanto na produção como no consumo que tem se situado acima dos 45 quilogramas por pessoa/ano. Desempenho excepcional ocorreu no período de 2000 a 2011, com taxas anuais de crescimento superiores a 6%. A partir de 2012, porém, tem mostrado taxas de crescimento menores tanto na produção como na exportação. O arrefecimento do seu crescimento pode ser explicado pela dificuldade em continuar elevando o consumo per capita e pela forte concorrência no mercado internacional com a entrada de novos países produtores e exportadores. Uma das opções

para o incremento da nossa produção é o aumento da oferta de produtos industrializados e prontos para o consumo, itens com demanda crescente nos mercados interno e externo.

O Brasil é o segundo maior produtor mundial de carne de frangos e o maior exportador, beneficiando-se da competitividade da sua produção e do seu status sanitário. O país é livre da gripe aviária e tem implementado medidas de biosegurança para continuar sem essa doença que tem atingido diversos países produtores e exportadores. Mesmo assim, o Brasil vem reduzindo/perdendo sua participação nas exportações mundiais, que era de 38% em 2009 e caiu para 32% em 2021 e 2022. Nesse mesmo período, também os Estados Unidos tiveram perda significativa na sua participação passando de 37% para 25%. A participação da União Europeia, por sua vez, cresceu de 9% para 14%, e a da Tailândia de 4% para 7%. A Turquia e a Ucrânia tinham participação próxima de zero e cresceram para cerca de 4%. Estes dados mostram uma competição acirrada no mercado internacional.

A carne de frangos apresenta grande potencial de consumo no mundo. Países como China, Índia, Filipinas, Paquistão, Vietnam, Indonésia, Egito, Nigéria, Bangladesch, República Democrática do Congo que juntos representam mais de 50% da população mundial tem consumo per capita médio abaixo de 13 kg, sendo menor de 10 kg na maioria desses países. Se tomarmos como referência os 32 kg por pessoa/ano, média dos países membros da OCDE, constata-se um grande espaço a ser conquistado por essa carne.

As Figura 9 e 10 mostram que desde o ano de 2017 os volumes de carne de frangos exportados pelo Brasil oscilaram ao redor das 4 milhões de toneladas. O ano de 2020, ano do início da pandemia da Covid 19 foi difícil para as exportações pois quase todos os principais importadores reduziram os volumes e também o valor da tonelada do produto. Os resultados poderiam ter sido piores não fosse a maior demanda chinesa. Felizmente a partir de 2021 o mercado internacional reagiu e as exportações voltaram a crescer tanto em volume como nos preços médios da tonelada de carne com reflexo nas receitas totais em dólares e em reais. Em 2022 as exportações de carne de frangos in natura tiveram incremento nos volumes e nos valores da tonelada posicionando o produto na nona posição no ranking geral quanto ao valor das exportações e contribuindo com 2,7% nas receitas cambiais do país.

As elevações dos preços são importantes mas podem não representar maior margem de lucro para a cadeia avícola brasileira. As cotações da carne refletem a brutal elevação dos preços do milho, farelo de soja e demais itens do cus-



to de produção que ocorreram no período. Os preços desses cereais, assunto que será retomado mais adiante nesse artigo, que têm grande participação nos custos de produção, tiveram grande elevação e não devem retornar no curto prazo aos antigos valores. Quanto à taxa de câmbio, observa-se que após significativa desvalorização do real frente ao dólar em 2020, a cotação manteve-se elevada em 2021 e 2022, o que favorece as exportações, mas penaliza as importações do país.

OS PREÇOS DOS INGREDIENTES PARA ALIMENTAÇÃO ANIMAL

A partir do primeiro semestre de 2020, o preço do milho no Brasil, que já apresentava movimento altista, intensificou a elevação atingindo níveis históricos no final do mesmo ano. O indicador de preços CEPEA/ESALQ de outubro de 2020 para a região de Campinas-SP, teve cotação média de R\$ 72,71 por

saca de 60 kg, valor 75% acima do observado em outubro de 2019. Altas ainda maiores foram observadas em regiões onde o grão é utilizado na produção de suínos e aves, como: Chapecó (+ 78%); Passo Fundo (+84%); Cascavel (+85%) e Rio Verde (+93%). Os preços do milho e dos outros cereais têm se mantido altos impulsionados pelas incertezas causadas pela pandemia, por frustrações de safras, pelo crescimento das exportações, pela forte demanda da produção animal e pelo crescente uso na produção de

Figura 07. Principais países importadores de carne de frangos entre 2016/21 e estimativa para 2022, mil toneladas (USDA)

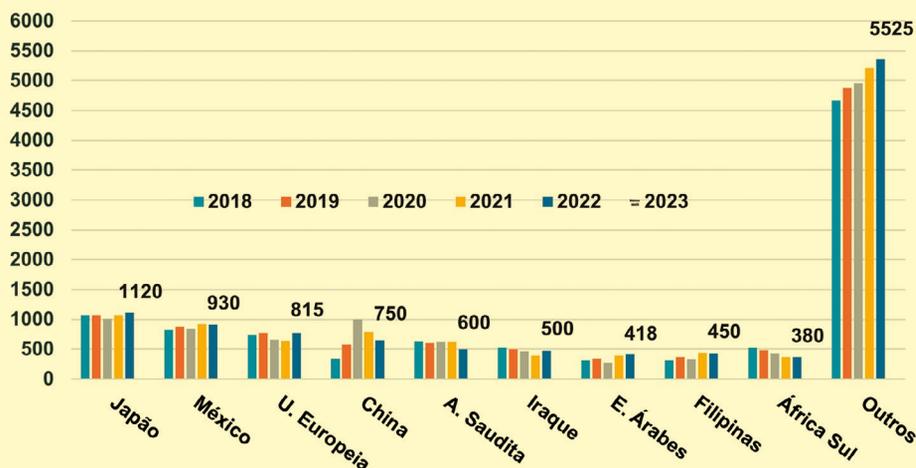
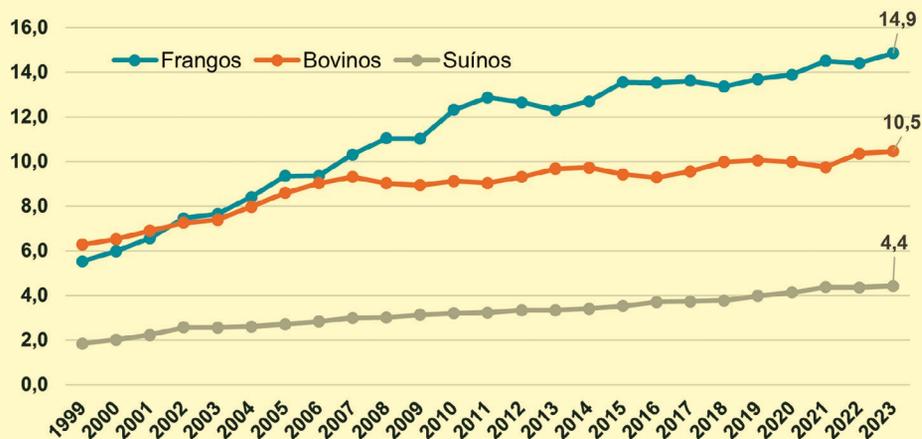


Figura 08. Produção brasileira das carnes de frangos, bovina e suína, em milhões de toneladas, entre os anos de 1999 e 2023 (USDA)



etanol. Acrescenta-se aos problemas antes citados o conflito entre Rússia e Ucrânia que devem limitar as exportações ucranianas, reduzir o plantio e produção das próximas safras na região afetada e ainda motivar a manutenção de maiores estoques de segurança nos demais países.

Um aspecto importante da alimentação animal está relacionado aos preços dos grãos, pois eles determinam a viabilidade da sua inclusão nas rações. A evolução dos preços da soja, milho, trigo e arroz em casca em Santa Catarina, Estado com maior déficit de grãos para alimentação animal, é apresentada na Figura 11. Observa-se que os preços, com exceção da soja que tem valores mais elevados, se movimentam de modo similar, com pequenas diferenças para cada cereal. A soja é consumida principalmente na forma de farelo, importante fonte de proteína e óleo vegetal, que supre grande parte da energia das dietas. O trigo e o arroz, além terem pequena produção, são cereais destinados ao consumo humano, mas podem ser usados em rações animais, dependendo da relação dos seus preços com o do milho. O preço do arroz irrigado em casca é próximo ao preço do trigo e do milho mas perde competitividade com o beneficiamento que deve sofrer para ser incluído nas rações, com perdas ao redor de 30% do seu peso inicial.

O Estado de Santa Catarina apresenta o maior déficit de milho do Brasil, e importa de outros estados e países mais de 4 milhões de toneladas a cada ano. Problema semelhante é enfrentado também pelo Rio Grande do Sul que necessita complementar a sua produção própria. Frente a este cenário, torna-se vital para a produção animal desses estados reduzir a dependência do milho identificando e desenvolvendo a produção de grãos alternativos passíveis de uso nas rações. Cereais cultivados no inverno no sul do Brasil como o trigo, triticale, cevada e outros foram estudados pela Embrapa Suínos e Aves e verificada a possibilidade de serem incluídos nas rações, sem perdas de produtividade dos animais, desde que seus preços sejam próximos aos do milho.

O potencial de aumento da produção desses cereais é imensa. Os estados de Santa Catarina e em especial o do Rio Grande do Sul dispõem de imensa área agrícola não usada no cultivo do milho safrinha, que podem ser cultivadas com os cereais de inverno aproveitando as terras, instalações e equipamentos para gerar renda e diminuir o déficit de milho. A área cultivada com culturas de verão (Ex.: milho e soja) no Rio Grande do Sul e Santa Catarina totaliza mais de 6 milhões de hectares.

Neste sentido ações já foram realizadas em Santa Catarina pelas entidades ligadas à agricultura, que resultaram no lançamento pelo Governo do Estado e pela Secretária da Agricultura, em março de 2020, do Programa de incentivo ao plantio de cereais de inverno. Este programa delineia uma estratégia de pesquisa e de fomento à produção desses cereais. As entidades do Rio Grande do Sul também adotaram a ideia e lançaram o Programa duas safras visando mobilizar os agricultores e as cadeias produtivas de suínos, aves e leite, principais interessados numa maior oferta de grãos no estado. Essas ações além contribuírem para a redução da dependência do milho, trazem nova fonte de renda aos produtores e ajudam na proteção e fertilidade do solo. Os resultados já obtidos tem sido promissores, em especial para a safra de trigo, tanto em Santa Catarina como no Rio Grande do Sul.

A produção brasileira de milho sofre variações decorrentes principalmente de fatores climáticos, mas possui bom potencial de crescimento tanto em área como em produtividade. A safra de 2022/23, conforme dados da Conab, (2022) deve atingir 126,9 milhões de toneladas, cerca de 15 milhões de toneladas acima da anterior, contribuindo para recompor estoques e a redução dos preços. Iniciativas na região Sul visando o aumento na produção de cereais, que possam tornar-se ingredientes para as rações animais, continuam prioritárias.

COMENTÁRIOS FINAIS

As cadeias das carnes do Brasil dependem muito da situação mundial e também da política econômica a ser praticada no país. Nossa avicultura tem demonstrado ao longo da sua história uma grande capacidade de resiliência e de superação das dificuldades. Contudo, eventualmente surgem novos fatores de incertezas que podem afetar o setor como os surtos da gripe aviária cada vez mais próximos do Brasil, em países da América Latina. Outro fato relevante é a guerra da Rússia e Ucrânia e ainda os decorrentes da COVID19, da efetividade das vacinas, do surgimento das variantes e de possíveis novos surtos. Existem ainda aqueles riscos usuais como o comportamento do clima, o impacto das políticas econômicas e o avanço das reformas estruturais em curso no país, dentre outras.

A avicultura, bem como as demais produções animais, tem sofrido com as pressões dos custos de produção causados principalmente pelos elevados preços dos ingredientes das rações e pela dificuldade de repassar esses custos para o preço final dos produtos. O adequado preço e suprimento de grãos resolve parte da equação para o sucesso de uma atividade que é a da disponibilidade local de alimentos. Os altos



preços dos grãos tem refletido, além das frustrações de safras, uma situação especial do câmbio, favorável às exportações, além do início das operações dos portos do arco norte e do crescimento das exportações por essa rota. Adicionalmente, a forte demanda da produção animal e para a produção de etanol e biodiesel mantém o mercado aquecido. Essa situação do mercado é positiva para nossa economia mas exige um gestão ajustada e profissional das cadeias da carne para evitar prejuízos nos negócios. Neste quesito convém salientar as importantes iniciativas dos Estados de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul para a expansão do cultivo e produção dos cereais de inverno, com animadores resultados em especial na produção do trigo nas últimas 2 safras. Do ponto de vista do mercado mundial é possível antever um papel menos relevante das importações da China, país que enfrenta uma pandemia, menor crescimento econômico e instabilidades de ordem política. O mundo parece defrontar-se com um futuro mais sombrio quanto ao crescimento da economia o que recomenda cautela dos agentes das cadeias de alimentos no planejamento das ações futuras. Esta situação, contudo, pode ser positiva para o Brasil, pela sua competitividade na produção de proteína animal. O Brasil, apesar dos esforços e da qualidade dos seus produtos, tem encontrado dificuldades em aumentar sua participação no mercado global sendo necessária uma profunda análise

Figura 09. Volume e valor total das exportações brasileiras de carne de frangos in natura, 2017 a 2022



Figura 10. Valor em dólares e reais da tonelada de carne de frangos in natura exportada, jan a out de 2017 a 2021 (Mdic e Banco Central)



visando traçar estratégias que permitam manter e expandir os atuais mercados bem como acessar novos importadores. Desafios maiores ou menores sempre existiram e tornam-se mais preocupantes com o aumento do tamanho e da importância de determinada atividade. Mesmo no atual quadro de incertezas, as evidências são de que as cadeias de aves e das demais carnes do Brasil estão preparadas para superar as dificuldades. O crescimento equilibrado da produção, alinhado ao potencial de consumo interno e das exportações, tem sido a trajetória que conduziu essas cadeias produtivas a uma posição de destaque no país e no cenário global. ¹⁰

¹⁰ Pesquisadores da Embrapa Suínos e Aves

As referências Bibliográficas deste artigo estão disponíveis no QR Code.

